

Perspectivas para o Ensino de Sociologia: o legado de Du Bois e Martineau na formação identitária

Gabriela Pecantet Siqueira* e Cyntia Barbosa Oliveira**

Resumo

O objetivo deste artigo foi apresentar Du Bois e Martineau como intelectuais precursores no pensamento sociológico e que podem proporcionar um ponto importante no horizonte de análise, convergente em um aspecto particular de estudantes que estão se aproximando da Sociologia: a identidade. Para isso, foi desenvolvida uma discussão teórica a partir da revisão da literatura que versa sobre os referidos intelectuais e suas obras, articulada, principalmente, ao conceito de autodefinição proposto por Patrícia Hill Collins. O Ensino de Sociologia, com base nestes intelectuais, pode, em alguma medida, contribuir na construção da identidade e da autodefinição.

Palavras-chave: ensino de sociologia; identidade; autodefinição.

Perspectives for Teaching Sociology: the legacy of Du Bois and Martineau in identity formation

Abstract

This article aimed to present Du Bois and Martineau as precursors intellectuals in sociological thought and who can provide an important point in the horizon of analysis and convergence on a particular aspect of students who are approaching Sociology: identity. For this, a theoretical discussion was developed from the review of the literature on these intellectuals and their works, articulated to the concept of self-definition proposed by Patrícia Hill Collins. We emphasize the teaching of Sociology, based on these intellectuals, so that one can, to some extent, present identification points with high school youth and contribute to the construction and self-definition.

Keywords: sociology teaching; identity; self-definition.

Perspectivas para la enseñanza de la sociología: el legado de Du Bois y Martineau en la formación de la identidad

Resumen

El objetivo de este artículo fue presentar a Du Bois y Martineau como intelectuales precursores en el pensamiento sociológico y que pueden proporcionar un punto importante en el horizonte de análisis y convergencia en un aspecto particular de los estudiantes que se están acercando a la Sociología: la identidad. Para ello, se desarrolló una discusión teórica a partir de la revisión de la literatura que versa sobre estos intelectuales y sus obras, articulada, principalmente, al concepto de autodefinición propuesto por Patrícia Hill Collins. La enseñanza de Sociología, basada en estos intelectuales, puede contribuir a la construcción de la identificación y autodefinición.

Palabras clave: enseñanza de la sociología; identidad; autodefinición.

* Doutoranda e mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Educadora de Sociologia no curso Pré-universitário Popular Desafio (PREC/UFPel). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1548-2300>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5132109340956848>. E-mail: gabrielapecantet@gmail.com

** Doutoranda em Sociologia pelo PPGS/UFRGS. Mestra em Sociologia (PPGS/UFPel). Pesquisadora do Grupo Transdisciplinar em Pesquisa Jurídica para uma Sociedade Sustentável (UFSC). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0354-3492>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7937006805838767>. E-mail: cyntiabaroli@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O conjunto de intelectuais que passaram a ser reconhecidos como pioneiros, fundadores, clássicos ou cânones em determinado campo de conhecimento são considerados fundamentais para a formação de profissionais da área e, normalmente, estão presentes nas ementas dos cursos e nas coletâneas sobre a história desses campos. Na história da Sociologia ganham destaque Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx, autores que foram fundamentais para o reconhecimento e institucionalização da área enquanto ciência, bem como para fornecerem uma gramática comum que possibilite uma interlocução significativa a todos que dela participam (Botelho, 2013). Contudo, apesar de descortinarem as dimensões do social com sólidas teorias, estes apresentam limitações epistemológicas, uma vez que desconsideraram em suas análises outras realidades, como os efeitos da modernidade fora da Europa ou mesmo a vida cotidiana das mulheres naquele continente, por exemplo.

Em contrapartida, nos últimos anos tem havido um crescente interesse em resgatar e valorizar as contribuições de autores e autoras marginalizados na história da Sociologia, especialmente mulheres e pessoas negras que estavam atentas a esses pontos cegos nos estudos dos “clássicos”. Diferentes maneiras de compreender e interpretar o mundo social são trazidas para o centro do debate acadêmico, enriquecendo o campo com uma gama de teorias, metodologias e abordagens. No Brasil, existem diversos projetos que partem da proposta de pensar além do cânone sociológico, seja para que tais teóricos tenham suas produções reconhecidas ou para ampliar o rol que conhecemos como clássicos¹.

As potencialidades decorrentes desse movimento vão desde novas possibilidades de investigações, a partir da ampliação das perspectivas, até a valorização de identidades historicamente invisibilizadas. A diversificação desafia a constituição do campo científico, que reproduz historicamente discursos hegemônicos do social, ao desconstruir estereótipos e preconceitos perpetuados em torno de quem pode produzir conhecimento sociológico, abrindo espaço para uma compreensão mais holística da sociedade e das relações sociais, ao permitir uma análise mais complexa e contextualizada das dinâmicas sociais. O reconhecimento de

¹ Dentre as publicações dos últimos anos, no país, com esta finalidade, destacamos: *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*, organizado por Verônica Daflon e Bila Sorj, de 2021; *Além do Cânone: para ampliar e diversificar as ciências sociais*, de Celso Castro, publicado em 2022; *Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX*, organizado por Verônica Daflon e Luna Campos, publicado em 2022; e a tradução da obra *Como observar: morais e costumes*, de Harriet Martineau por Fernanda Alcântara, publicada em 2021.

mulheres, pessoas negras e localizadas no sul global como intelectuais importantes, também é o reconhecimento de que determinadas identidades individuais e coletivas guardam potencialidades criativas para a concepção de teorias e metodologias no campo sociológico. Consequentemente, há o fortalecimento da representatividade de grupos na sociedade em geral e, em especial, de grupos voltados ao gênero e à raça, que pode inspirar novas gerações de estudantes, pesquisadores e pesquisadoras a se engajarem na produção do conhecimento científico e na transformação social.

Nesta escrita, direcionamos o olhar ao processo de ensino, em especial ao Ensino de Sociologia para estudantes de ensino médio, a partir do seguinte questionamento: minorias sociais não faziam parte dos intelectuais? Tal dúvida orienta a discussão levantada no artigo e nos leva a apresentar dois intelectuais responsáveis por construções teóricas de grande relevância para a área, porém pouco valorizados em seu tempo: Harriet Martineau e William Edward Burghardt Du Bois. Entre muitos outros², Du Bois e Martineau são dois exemplos de intelectuais que foram precursores no pensamento sociológico e que, ao contrário daqueles que são apresentados como pais fundadores, podem proporcionar um ponto importante no horizonte de análise e convergente em um aspecto particular de estudantes que estão se aproximando da Sociologia: a identidade.

Os jovens no ensino médio vivem um período de intensas transformações, marcado pelas negociações e reinvenções da identidade, que buscam conciliar pressões externas (sociais, culturais e econômicas) com suas próprias descobertas pessoais (Ariotti, 2011; Souza, Reis e Santos, 2015). A inclusão de autores como Du Bois e Martineau, no currículo do ensino de Sociologia³, pode oferecer uma perspectiva mais abrangente e empoderadora, contribuindo com os estudantes na construção de suas identidades, uma vez que a juventude é período crucial para isso. Este processo não apenas apoia a refletir sobre quem são, mas também sobre como suas experiências são moldadas por questões sociais, tais como raça, classe e gênero.

No primeiro tópico desta escrita, contextualizamos e apresentamos algumas das ideias centrais e inovadoras das obras de Harriet Martineau e William E. B. Du Bois, explorando

² Podemos citar também Anténor Firmin (1850 - 1911), Pandita Ramabai (1858 - 1922), Marianne Weber (1870 - 1954), Lucie Varga (1904 - 1941), entre outras e outros.

³ Embora o foco deste texto seja a mobilização de Du Bois e Martineau no ensino médio, a relevância de seus trabalhos se estende ao ensino superior, seja em nível de graduação ou pós-graduação.

as possibilidades para um Ensino de Sociologia mais atrativo, que auxilie na ampliação do olhar sociológico. No segundo tópico, aprofundamos a discussão em torno da categoria identidade. Considerando o conceito de autodefinição de Patricia Hill Collins e o espaço educacional no Brasil, trata-se a importância da representatividade de minorias sociais no campo científico, a partir do reconhecimento de intelectuais como Martineau e Du Bois, sobretudo, para a geração de jovens e seus primeiros contatos com a Sociologia, no ensino médio.

Martineau e Du Bois: entre teorias e aproximações das múltiplas realidades sociais

Ao direcionarmos o olhar ao Ensino de Sociologia, não desconsideramos a importância dos autores canônicos, visto que foram responsáveis por refletir e problematizar os processos de mudanças sociais e políticas profundas de sua época, tornando a disciplina reconhecida em sua dimensão teórica. Destacamos, no entanto, que a construção do campo científico ocidental foi hegemonicamente dominada por uma série de fatores, os quais moldaram sua história e influenciaram profundamente o desenvolvimento da ciência moderna, do qual a Sociologia não escapou.

Este ramo do conhecimento, idealizado por Auguste Comte, ganhou forma em solo europeu no final do século XIX, diante das intensas mudanças sociais provocadas pelas revoluções ocorridas no século anterior. Os holofotes dos estudos iniciais estavam voltados à Europa, ainda que as mudanças provocadas pela modernidade não estivessem restritas àquele continente. Já no mercantilismo, a exploração das colônias situadas nas Américas, na África, na Índia e em parte da Ásia, alterava as formas de organização de povos e modos de vida, transformando as subjetividades dos sujeitos colonizados.

O universalismo científico construiu um quadro fechado e coeso a partir da realidade social ocidental, acobertando suas limitações, fomentado por um grupo restrito de intelectuais que estudavam nas universidades prestigiadas europeias do seu tempo: “[...] homens brancos, embora alguns deles fossem judeus” (Mignolo, 2003, p. 648). O cânone da disciplina, ao desconsiderar possíveis diálogos com intelectuais para além dos seus círculos acadêmicos, sedimentou um padrão avaliativo para definir o que é teoria e quem poderia teorizar.

Em outras palavras, era comum que o conhecimento, validado como científico, fosse produzido por homens brancos e europeus. Todos que se distanciavam, em alguma

medida, deste padrão de humanidade, tinham seus trabalhos deslegitimados nos círculos acadêmicos. Outros intelectuais, a partir de epistemologias que fogem à constituição hegemônica, desenvolveram obras potentes para o pensamento social, propondo formas inovadoras de compreensão acerca da complexidade do mundo. Neste sentido, enquanto os autores canônicos tinham a pretensão de explicar diferentes realidades sociais a partir de uma mesma lente teórica, hoje compreendemos a importância de serem observadas a partir de diferentes modelos explicativos.

Ao direcionarmos o olhar às contribuições teóricas e empíricas de Martineau e Du Bois, observamos que possuem uma produção vasta e pautada em temáticas diversas, que podem ser consideradas basilares para problematizações contemporâneas e próximas às realidades do corpo estudantil. Ambos prenunciam o que viria mais tarde, na década de 1950, a ser problematizado por Mills (1982) como “imaginação sociológica”⁴, ao elaborar suas abordagens teórico-metodológicas. Tais perspectivas ampliam a possibilidade de fazer sentido aos jovens estudantes, enquanto observem similaridades entre eles e aqueles que desenvolviam análises de mundo a partir de lugares outros, que não os de homem, branco e europeu.

Harriet Martineau (1802-1876), pesquisadora britânica, destacou-se, em um primeiro momento, por ser uma mulher que desenvolveu conceitos e uma teoria sociológica quando poucas mulheres tinham direito de aprender a ler e escrever. A sociedade europeia do século XIX era fortemente patriarcal, com papéis de gênero rigidamente definidos: as mulheres eram frequentemente relegadas ao domínio privado, com atribuições voltadas ao dever do cuidado no âmbito familiar, sendo vedada a sua presença em espaços públicos. A elas incidiam várias restrições que limitavam sua autonomia e liberdade, sendo excluídas de instituições educacionais. Nas universalidades, a mulher era vista “[...] como uma variação humana, inferior e incapaz de ocupar esse lugar, devendo ser representada por este homem” (Silva, 2008, p. 135). Martineau que vinha de uma família “bem sucedida” e que prezava pela educação das filhas, teve “[...] a oportunidade de ser educada junto a seus irmãos, estudando

⁴ Em síntese, a expressão “imaginação sociológica” elaborada por Mills, trata da capacidade intelectual de “[...] sentir o jogo que se processa entre [...] a biografia e a história, o eu e o mundo” (1982, p. 10).

latim, aritmética, francês e também sendo instruída em conhecimentos religiosos” (Campos e Daflon, 2022, p. 76-77).

A infância e juventude da intelectual foram marcadas por vários problemas de saúde que acarretaram perda significativa de sua audição, o que contribuiu para ser ainda mais disciplinada nos estudos e autodidatismo (Daflon e Sorj, 2021; Campos e Daflon, 2022; Castro, 2022). Na vida adulta, uma série de infortúnios cruzou sua vida e de sua família, obrigando-a a escrever para prover o sustento de seu lar. Começou com artigos econômicos e filosóficos para um jornal⁵; fez sucesso com as *Ilustrações da Economia Política* (1832-1834); realizou a tradução do *Curso de Filosofia Positiva* de Auguste Comte (em 1853); escreveu, também, romances, contos e livros de história (Daflon e Sorj, 2021; Castro, 2022).

As produções de Martineau provocam inúmeros questionamentos entre aquelas e aqueles que pesquisam a sua vida e obra, dos quais destacamos os seguintes: Harriet Martineau foi a primeira mulher socióloga? Ou a primeira socióloga?⁶ Tais indagações relacionam-se às relevantes obras de cunho sociológico que publicou, após viagem realizada, de setembro de 1834 a julho de 1835, pelos Estados Unidos (Castro, 2022). Martineau fez a viagem movida pela curiosidade, bastante comum à época, de conhecer e estudar o desenvolvimento dos princípios democráticos já implementados pelos norte-americanos (Campos e Daflon, 2022). Inicialmente, foi bem recebida e acolhida pela sociedade, pois seu trabalho era conhecido e admirado, “[...] pôde visitar inúmeras instituições, regiões e lugares e conversar com pessoas de distintas origens, raças, gêneros, classes, faixas etárias e orientações políticas” (Campos e Daflon, 2022, p. 97).

A intelectual, utilizando uma sociologia em microescala, explorou de maneira inovadora questões do cotidiano, das mulheres, das crianças, que, naquele tempo, eram ignoradas (Campos e Daflon, 2022). Martineau trouxe como um dos princípios orientadores de suas pesquisas, o gênero, explorando aspectos que perpassam a vivência das mulheres, problematizando o trabalho “invisível” realizado por elas. Conferiu, ainda, atenção àquilo que hoje pode ser definido como um processo de popularização da ciência. Contudo, a

⁵ A popularização dos escritos de Martineau, entre outros motivos, foi devido a seu esforço para tornar temas complexificados - desenvolvidos para que as classes populares não compreendessem - acessíveis a todos que tivessem acesso ao jornal.

⁶ No vídeo *Teoria Feminista - Harriet Martineau: a primeira socióloga?!* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jcUlgwgMZMw>>), a professora Verônica Toste (UFRJ) explora os dilemas centrais em torno da produção de Martineau.

receptividade norte-americana mudou completamente após Martineau criticar o sistema político americano e se posicionar publicamente a favor do abolicionismo, passando então a sofrer ameaças de linchamento, o que, inclusive, motivou o encerramento da viagem.

A intelectual expôs o quanto a democracia não correspondia aos ideais pregados, uma vez que identificou a maneira como a escravidão “se entrelaçava às instituições americanas, um dos principais pontos abordados na obra originada, a partir dessa viagem” (Campos e Daflon, 2022, p. 79). O resultado do estudo foi a publicação, em 1837, da obra *Sociedade na América*, em três volumes, reunindo mais de setecentas páginas. Sua preocupação com a objetividade e o rigor científico acompanha a obra desde a introdução, quando apresenta as condições da produção da pesquisa de campo (Daflon e Sorj, 2021). No ano seguinte, publicou *Retrospectiva de viagens ocidentais*⁷ e *Como observar moral e costumes: requisitos filosóficos*.

Neste último, desenvolveu um manual em que enfatizava a importância de serem seguidas “regras” ou requisitos filosóficos, para que uma observação fosse desenvolvida a partir de pressupostos científicos, sem que pontos de vistas fossem pré-concebidos, como poderia ocorrer com o etnocentrismo (Campos e Daflon, 2022). Assim, décadas antes que *As regras do método sociológico* (2007 [1895]) ser publicado – obra em que Émile Durkheim definiu a Sociologia como uma ciência, evidenciando pressupostos basilares a suas metodologias – Martineau escreveu um manual com grande similaridade, propondo requisitos morais (empatia), filosóficos (imparcialidade) e mecânicos (diversidade de pessoas entrevistadas) para que o processo de observar outras sociedades fosse realizado sem vícios.

Também propôs metodologias de pesquisa inovadoras e estava atento aos processos de estratificação e opressão de determinados indivíduos, principalmente pautados na raça, William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), a quem dedicamos as próximas linhas. Du Bois foi um sociólogo norte-americano negro que se dedicou a temas sociais, culturais e políticas, mantendo olhar atento às formas como tais questões eram vivenciadas a partir da dimensão racial, ou ainda, diante do racismo (Rabaka, 2020). O sociólogo foi pioneiro da sociologia urbana e vanguardista ao realizar pesquisas, utilizando a combinação de métodos quantitativos e qualitativos, como mapas, dados dos censos, estatística, entrevistas

⁷ Tradução nossa do original *Retrospect of Western Travel*.

em profundidade e da observação participante, muito antes da Escola de Chicago⁸ (Castro, 2022). Mas a sua principal preocupação sociológica “[...] foi de desenvolver uma ciência social específica para as necessidades especiais dos Estados Unidos da América” (Rabaka, 2020, p. 591).

Du Bois teve uma infância pobre, foi criado somente pela mãe, que era trabalhadora doméstica e lavadeira. Devido a esses fatos, “[...] desenvolveu uma consciência sobre sua condição de classe social antes de estar consciente de sua raça e do racismo americano, apesar de ter sido a única criança negra em sua escola predominantemente branca” (Rabaka, 2020, p. 588). Quando tinha 16 anos, sua mãe morreu, Du Bois comprometeu-se a “[...] fazer alguma coisa de (e por) si mesmo” (Rabaka, 2020, p. 589). Então, depois do ensino médio buscou por bolsas de estudos para financiar seus estudos na Fisk University (onde obteve diploma em curso de humanidades, que incluía disciplinas em Direito, História e Filosofia, em 1888), Harvard (obteve o segundo bacharelado, em 1890) e na Universidade de Berlim⁹ (obtendo PhD, em 1895) (Moura e Bernardino-Costa, 2023).

Ele viveu o contexto pós o fim da segregação racial norte-americana, implementada por leis conhecidas como “Jim Crow”. A legislação estava associada ao determinismo biológico para definir raça, dividindo o uso dos espaços públicos entre pessoas brancas e negras, como escolas, transporte público, banheiros e fontes de água potável, entre outros. Vigorou, naquele momento, um padrão de relações inter-raciais extremamente violento e conflitivo. Mesmo com o fim da segregação racial, as socializações, que já eram permeadas pelo racismo desde o período da escravização, não se alteraram de forma considerável. As desigualdades raciais continuaram sendo reproduzidas por meio de mecanismos sociais, como educação, seletividade no mercado de trabalho e pobreza, aos quais Du Bois já estava atento.

Du Bois mobilizou a raça como principal eixo de seus estudos e explorou maneiras como o racismo interferia nas vivências negras de norte-americanos. Nos processos de construção teórica, imperava ainda o racismo científico, o que também fez com que ele atuasse contra construções preconceituosas (Rabaka, 2020). O autor esteve, ao longo de sua

⁸ A Escola de Chicago surgiu no contexto de expansão urbana e crescimento demográfico da cidade de Chicago no início do século XX, sendo relevante nos estudos urbanos com a valorização da pesquisa empírica (Becker, 1996).

⁹ Nesta universidade, inclusive, entrou em contato com Max Weber (Castro, 2022).

trajetória, alinhado a projetos políticos pautados na emancipação da população negra e na busca pela desmistificação do racismo científico. Du Bois tornou-se um filósofo negro, ativista pelos direitos civis, características que, dentre outras, afastavam-no do padrão hegemônico de produção científica.

Em 1897, o sociólogo realizou investigações empíricas na Filadélfia¹⁰, contratado pela Universidade de Atlanta, a fim de responder à questão sobre como lidar com “o problema negro”, referindo-se aos negros como um problema (Moura e Bernardino-Costa, 2023). O pesquisador morou por 15 meses em um bairro desta cidade, onde realizou pesquisa pioneira, utilizando diversos métodos, “[...] sobre uma comunidade pobre, mas também sobre a questão racial na sociedade americana” (Castro, 2022, p. 59). Em 1899, publicou o livro *O Negro da Filadélfia: um estudo social* (1897), no qual Du Bois transformou “[...] o sentido da expressão ao longo do livro, utilizando-a para se referir a problemas enfrentados pelos negros, dos quais o principal é a atitude discriminatória por parte dos brancos” (Moura e Bernardino-Costa, 2023, p. 3).

Harriet Martineau e William E. B. Du Bois são intelectuais que observaram e estudaram questões sociais negligenciadas pela Sociologia em suas épocas, temas que passaram a ser valorizados pela disciplina em sua fase mais contemporânea. Viveram tempos em que os preconceitos raciais e de gênero influenciavam no reconhecimento intelectual deles e ambos enfrentaram obstáculos no acesso a recursos educacionais, o que limitou as oportunidades, mas não impediu que desenvolvessem seu potencial intelectual.

Os conhecimentos produzidos nasceram das suas capacidades “[...] de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano – e ver relação entre as duas” (Mills, 1982, p. 13 - 14). Suas experiências de vida e pontos de vista, articulados ao emprego hábil de ferramentas metodológicas da Sociologia para ler a realidade, contribuíram para a compreensão de dimensões sociais com amplitude e profundidade. As

¹⁰ “À época, Filadélfia era uma cidade industrial que atraía grande contingente de imigrantes de diversos grupos étnicos europeus, bem como negros provenientes de contextos rurais do sul dos Estados Unidos. A área onde Du Bois realizou sua pesquisa era uma área densamente povoada e com altos índices de mortalidade, desemprego e criminalidade. Na Sétima Região, porém havia também uma área de residências afluentes, onde vivia a elite branca que empregava negros e imigrantes como serviços domésticos. [...] Porém, ao passo que os imigrantes poloneses, alemães e russos tinham a área como habitat temporário em processos de ascensão social intergeracional, havia poucas oportunidades de saída para os negros em virtude de escassas oportunidades de emprego, escolaridade e mesmo moradia em outros bairros da cidade” (Moura e Bernardino-Costa, 2023, p. 2).

perspectivas de Martineau e Du Bois, no ambiente de aprendizagem, permite que estudantes vejam o mundo por meio de lentes mais diversas e, sobretudo, ao serem trabalhados em aulas das Ciências Sociais, contribuem no processo de construção da identidade individual e coletiva de forma positiva.

Evidenciamos, entretanto, que Martineau e Du Bois, ainda que compusessem realidades sociais “inadequadas” aos pressupostos esperados para intelectuais e teóricos, à época em que produziam, são autores de origens daquilo que podemos definir como o norte-global. Neste sentido, a ampliação ora proposta como uma estratégia de aproximação entre estudantes e a relação ensino/aprendizagem de Sociologia, pode (e deve) desenvolver movimentos de inclusão de autores e autoras do sul-globais. Ênfase, por exemplo, à produção de intelectuais (marginalizados ou não) na América Latina, no Brasil, entre outros.

Ao mobilizarmos Du Bois e Martineau, observamos como intelectuais que, nas palavras de Collins (2016), podem ser definidos como “*outsiders within*”. Ser um “*outsider within*”¹¹ é, em linhas gerais, a ideia de ser um estrangeiro, mesmo quando se está incorporado em determinado movimento. Neste sentido, ainda que estivessem situados em localidades de construções teóricas hegemônicas, suas produções têm sido revisitadas apenas recentemente, devido a seus distanciamentos dos padrões hegemônicos construídos sobre como um intelectual deveria ser (homem-branco).

Aproximando a Sociologia do cotidiano: a construção de identidades a partir do ensino

A identidade, para o campo sociológico, tem origem no processo de interações e relações estabelecidas entre os indivíduos nos diversos espaços sociais – familiar, escolar, laboral, religioso, por exemplo –, nos quais é construída uma gama de sentidos de si e, simultaneamente, do outro. Conforme Claude Dubar, ela não é única nem estável, sendo inicialmente construída na infância, reconstruída ao longo de nossa trajetória, num processo que nunca é finalizado, visto que é produto das sucessivas socializações (Dubar, 2005). Para o autor:

[...] a identidade nada mais é do que o *resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural*,

¹¹ Não há uma tradução literal para o português do que seria um/uma *outsider within*. Entretanto, a expressão se aproxima da ideia de um “forasteiro de dentro”, alguém que mesmo inserido em determinados espaços (neste caso, as construções teóricas) não é considerado legítimo, pois existem barreiras mesmo quando inserido no grupo.

dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições [...] Essa noção tenta introduzir a dimensão subjetiva, vivida e psíquica no cerne da análise sociológica (Dubar, 2005, p. 136, grifos do autor).

A estas considerações adicionamos as de Patrícia Hill Collins (2015), que aponta para o fato de as identidades sempre serem produzidas por meio de experiências específicas de raça, classe e gênero, em diferentes contextos sociais, de modo que essas categorias não se excluem, mas se complementam. Neste sentido, Collins entende que a identidade não pode ser considerada de forma dicotômica, uma vez que o pensamento com base em dicotomias só reconhece pontos fixos de identificação. Em suas palavras:

Apesar de todos/as termos identidades “ambas/e” (eu sou ambos: professora universitária e mãe – eu não paro de ser uma mãe quando deixo meu filho/a na escola, ou tampouco esqueço tudo que eu aprendi quando limpo uma privada), nós seguimos tentando classificar em termos de categorias excludentes, como ou/ou. Eu vivo todos os dias como uma mulher afro-americana – uma experiência específica de raça/gênero. E não estou sozinha. Todas/os têm uma identidade específica de raça/gênero/classe. Pensamentos dicotômicos do tipo ou/ou são especialmente problemáticos quando aplicados a teorias da opressão, porque todo indivíduo deve ser classificado ou como sendo oprimido ou como não oprimido. Torna-se conceitualmente impossível a posição “ambos/e”, em que o indivíduo é simultaneamente oprimido e opressor (Collins, 2015, p. 17).

O gênero, classe e raça são construções socioculturais que desempenham papéis significativos no processo de construção identitária, influenciando não apenas como alunos e alunas se veem, mas também como são vistos pelos outros e como se encaixam nas estruturas sociais mais amplas. O período de escolarização, por ser um contexto no qual o indivíduo passa longo tempo de sua trajetória em sociedade, faz coincidir de maneira significativa com esse processo. Durante os anos formativos, estudantes não só incorporam conhecimentos disciplinares, como desenvolvem uma compreensão mais profunda de si, de suas identidades e de como eles se encaixam no mundo ao seu redor.

As abordagens e estudos que possibilitam refletirmos o quanto construção de identidades são influenciadas pelo processo educacional tem se ampliado¹². Pesquisas estão cada vez mais examinando criticamente as práticas educacionais existentes em relação à

¹² Cf.: Nascimento, 2017; Silva, Dias e Amorim, 2018; Araújo e Soares, 2019; Sousa e Possas, 2020; Gonçalves e Gonçalves, 2021.

construção de identidades, questionando como o currículo, os métodos de ensino, as políticas escolares e o ambiente escolar podem promover ou prejudicar o desenvolvimento de identidades positivamente. Isso reflete um reconhecimento de que as experiências identitárias são moldadas por uma interseção complexa de diferentes fatores nas escolas.

Maria Ligia Oliveira Barbosa e Luis Armando Gandin (2020) exploram tanto os aspectos de influência da educação na identidade individual e coletiva, quanto os mecanismos que levam o ambiente e as formas de educação a contribuírem para que desigualdades sociais se mantenham vigentes. A educação pode reproduzir desigualdades sociais, influenciando a formação da identidade coletiva em grupos sociais específicos. A distribuição desigual de recursos, as práticas discriminatórias e as estruturas de poder, presentes no sistema educacional, podem reforçar hierarquias sociais existentes.

Por outro lado, a educação pode ser um instrumento de empoderamento e transformação das identidades por meio do acesso à educação de qualidade, em que os indivíduos podem desenvolver habilidades, ampliar suas perspectivas e questionar as estruturas de poder, contribuindo para a construção de identidades mais críticas e emancipatórias (hooks, 2017). Dessa forma, o acesso a diferentes formas de conhecimento, a interação com diversidade de ideias e perspectivas contribuem para a formação da identidade individual.

Quando direcionamos o olhar à instituição escolar dos povos indígenas e a proposta de currículo intercultural, observamos um espaço alinhado aos processos de construção e afirmação de identidades. A educação indígena remete a uma estratégia política, expondo, como exemplo, as lutas por uma escola diferenciada que reverberam em “[...] espaço de agenciamento de direitos, reafirmação identitária e de reelaboração de práticas culturais. As culturas e identidades indígenas tornam esta escola intercultural, específica, diferenciada, bilíngue/multilíngue e comunitária” (Nascimento, 2017, p. 387).

A educação indígena, a partir da escola diferenciada, não impõe um modelo curricular alheio às especificidades contextuais, que marginaliza e invisibiliza experiências e saberes, ao contrário, desafia a narrativa hegemônica ao reconhecer saberes dos povos originários. A escola é percebida como um espaço múltiplo, “[...] de trânsito e de troca de conhecimentos [...] onde se estabelece o jogo das alteridades” (Nascimento, 2017, p. 379),

pois ensina as disciplinas indicadas, ao passo em que propicia a culturas e identidades serem preservadas e (re)construídas.

A escola diferenciada apresenta-se como uma possibilidade de preservação da cultura e identidade indígena, prezando, entre outras características, por professores e ensinamentos que dialoguem com a cultura, ancestralidade e aprendizados que vão além do que uma sala de aula tradicional pode oferecer. Neste sentido, enfatizamos a importância de um ensino construído a partir de referências que possibilitem a construção de aproximações, relações e de identificação, seja com intelectuais apresentados em sala de aula – como a autora e autor que abordamos – ou com quem ministra as aulas. Assim, os povos indígenas se autodeterminam e viabilizam que identidades sejam autodefinidas (Collins, 2016; 2019).

De acordo com Collins (2016; 2019), os indivíduos podem ter suas autodefinições influenciadas por imagens que se identificam. O conceito de autodefinição é mobilizado pela autora como a possibilidade de mulheres negras assumirem o protagonismo frente às suas vivências. Em outras palavras, é a possibilidade de rompimento com imagens estereotipadas definidoras do que é “ser uma mulher negra”.

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco (Collins, 2016, p. 105).

Collins (2019) demonstra que o processo de autodefinição é um ato político de resistência quando se pertence a grupos marginalizados e pouco representados, pois é, além da afirmação da identidade, o caminho para o empoderamento. Este processo fortalece o indivíduo, mas também contribui para a transformação social, ao desafiar as estruturas de poder que perpetuam injustiças sociais. Desta forma, transpomos o conceito de autodefinição e o ampliamos para pensar a construção das identidades de outras minorias sociais que, em

alguma medida, afastam-se do padrão de humanidade pautada em uma masculinidade branca e europeia¹³.

Problematizamos aqui a incapacidade de uma grande parte do corpo discente, especialmente vinculado ao ensino público, seja influenciado – em termos de construção da identidade – a partir dos autores canônicos ao se depararem com o Ensino de Sociologia. É neste sentido que apresentamos Harriet Martineau e William Du Bois como intelectuais que podem ser utilizados para o Ensino de Sociologia com maior potencialidade a fim de contribuir para os processos formativos dos estudantes.

Para promover a inclusão desses autores no ensino médio, o professor poderá adotar estratégias pedagógicas que aproximem suas teorias da realidade vivida pelos estudantes. Uma abordagem interessante seria a utilização de estudos de caso comparativos, em que os estudantes comparassem as ideias destes intelectuais com os autores canônicos. Isto pode ser feito através de debates em sala de aula sobre temas contemporâneos relacionados à desigualdade, que os incentivem a refletir sobre raça, gênero e classe em seus cotidianos. Além disso, a combinação de materiais multimídia, como filmes, músicas, obras literárias e artísticas, com discussões tornam a reflexão e o aprendizado mais dinâmico, ao mesmo tempo em que facilita a compreensão dos complexos processos de construção identitária abordados por Du Bois e Martineau.

Estes intelectuais, que tiveram suas produções invisibilizadas devido aos marcadores sociais de gênero e de raça impostos, produziram bases teórico-metodológicas qualificadas e demonstraram um compromisso na luta contra as opressões e desigualdades em suas épocas. A partir do estudo de suas obras, estudantes podem cultivar a “imaginação sociológica” para compreender as complexidades das relações sociais e das estruturas de poder, assim como desenvolver uma consciência crítica em debates sobre raça, gênero e classe.

Consequentemente, ampliam-se as possibilidades de observar o mundo a partir de lentes não delimitadas pelos padrões eurocêntricos e de apreender, de maneira mais diversificada e inclusiva, as questões sociais, culturais e históricas, reconhecendo e valorizando a multiplicidade de experiências e conhecimentos. Mais que isso: podem fazer com

¹³ Estas representações perpetuam uma visão limitada da sociedade e podem ser encontradas em diversas esferas – para além da educação, nos anúncios publicitários, filmes e diversos espaços institucionais –, reforçando estereótipos e papéis sociais.

que o aprendizado de Sociologia em sala de aula se torne mais próximo, real e uma possibilidade de, caso queiram, se tornarem sociólogas e sociólogos.

A conformação dos clássicos da Sociologia e a escolha de quais obras são consideradas fundamentais para o ensino da disciplina reflete as relações de poder e valores sociais que permeiam o social (hooks, 2017; Nascimento, 2017), o que faz do espaço científico e educacional também campos políticos. A recuperação de intelectuais não incorporados no cânone da Sociologia e, conseqüentemente, o processo de influência que estes causam nos ambientes de ensino e aprendizagem, são processos de embate, permeados de dissensos. Isto se justifica a partir de lógicas diversas, seja com base em fatores ideológicos, políticos ou mesmo discriminatórios, entre outras possibilidades.

Buscamos, portanto, aproximações entre o Ensino de Sociologia ampliado – retomando autores que não compuseram os denominados canônicos por motivos outros, que não a relevância e adequação de suas elaborações teóricas – e o processo de influenciar outros indivíduos, reverberando em autodefinições individuais e/ou coletivas. Com a autodefinição para pensar nas identidades de outras minorias sociais, podemos reconhecer o poder e a importância desse processo como uma ferramenta para a resistência, o empoderamento e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Entendemos que trazer autores e autoras como Martineau e Du Bois ao conhecimento público, evidenciar suas produções teóricas e incorporá-las à sala de aula é, por si só, um ato de resistência às formas de disseminação do conhecimento pautadas em pressupostos eurocêtricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações sociais, as estruturas de poder e as práticas educacionais afetam a legitimação de produções acadêmicas, escolhas curriculares e a construção das identidades individuais e coletivas no contexto do Ensino de Sociologia. Através das reflexões tecidas neste estudo, foi possível compreender como a identidade e a autodefinição, para jovens do ensino médio, é fundamental para promover uma reflexão crítica sobre as influências sociais, culturais e educacionais na formação dos sujeitos.

Nesse sentido, é imprescindível a atenção não apenas ao conteúdo curricular, mas também às dinâmicas sociais imbricadas a ele e de que forma dialoga ou não com determinado

ambiente escolar, buscando promover um espaço que estimule a reflexão sobre a complexidade das experiências individuais e coletivas. Neste processo, o Ensino de Sociologia pode contribuir significativamente para o empoderamento dos estudantes, a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A integração da discussão sobre identidade e autodefinição no ensino sociológico não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também fortalece a formação cidadã dos estudantes, capacitando-os a compreender e atuar de forma crítica e consciente no mundo contemporâneo. Mais que isso: podemos afirmar que considerar o processo de construção das identidades no espaço escolar é uma forma de estimular a alteridade nos alunos. Pois, em um espaço em que as diferenças não são mobilizadas como possibilidades para estigmatização (sem vícios, como diria Martineau), mas sim como ambiente de valorização individual e coletiva, todos tendem a avançar juntos, acadêmica, social e/ou culturalmente.

Enfatizamos, novamente, que a mobilização de Du Bois e Martineau se dá por trazerem ao centro de suas pesquisas, questões pouco exploradas em suas épocas, como indivíduos e comunidades marginalizadas, que são dois intelectuais pertencentes ao norte global. Tal característica abre espaço para abordagens e problematizações futuras: refletir as formas de discriminações internas de outros países, onde grandes teorias também foram (e são) desenvolvidas, mas foram ofuscadas, em grande medida, por construções etnocêntricas de humanidade. E, ainda, reflexões sobre a mobilização de autores não-canônicos que compuseram os intelectuais locais. Reforçamos que tais exercícios e problematizações não são propostos na intenção de desvalidar a importância dos autores clássicos, seja no Ensino de Sociologia ou outra área do conhecimento, mas enfatizar que, através do alargamento e maior conhecimento daqueles e daquelas que desenvolviam ciência a partir de lentes teóricas diferentes, é possível traçar uma maior aproximação com estudantes, estimulando ainda seus processos individuais e coletivos de autodefinições.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. de A.; SOARES, E. L. R. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–14, 2019.

- ARIOTTI, Neli Angélica Frozza. Os jovens e o ensino médio. In.: **Anais do Colóquio Internacional de Educação**. Pato Branco: UNOESC, v. 1 n. 1. 2011.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; GANDIN, Luís Armando. Sociologia da educação brasileira: diversidade e qualidade. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 91, p. 1-38, 2020.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. .2, n. 2., p. 177-188, 1996.
- BOTELHO, André. **Introdução**: o universo dinâmico dos clássicos da sociologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste. Harriet Martineau. In.: CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste (Org.). **Pioneiras da sociologia** [recurso eletrônico]: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX. Niterói: Eduff, 2022.
- CASTRO, Celso. **Além do cânone**: Para ampliar e diversificar as ciências sociais. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 99-127, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org.) **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF Sempre viva Organização Feminista, p. 13-43, 2015.
- DAFLON, Verônica; SORJ, Bila (Orgs.). **Clássicas do Pensamento Social**: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes. 2007 [1895].
- GONÇALVES, M. Caceres; GONÇALVES, J. Peres. Gênero, identidade de gênero e orientação sexual: conceitos e determinações de um contexto social. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, p. 1-6, 2021.
- Hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como parte da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.
- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Edt. UFMG, 2003.
- MARTINEAU, Harriet. Como observar moral e costumes: requisitos filosóficos. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 24, p. 255-274, 2020.

MOURA, Cristina Patriota de; Bernardino-Costa, Joaze. W.E.B. Du Bois – O Negro da Filadélfia. **Jornal Nexo**. 2023.

NASCIMENTO, Rita Gomes. Escola como local das culturas: o que dizem os índios sobre escola e currículo. **Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 373-389, 2017.

RABAKA, Reiland. W.E.B. Du Bois e a inauguração de uma Sociologia interseccional. Tradução: Fernando Oliveira da Costa. **Revista ABPN**, p. 586-622, 2020.

REIS, Rosemeire; SOUZA, Emanuelle; SANTOS, Jean. Identidades juvenis e experiência escolar no ensino médio. **Holos**, n. 4, p. 3-17, 2015.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 30, p. 133-148, 2008.

SILVA, T. R.; DIAS, A. A.; AMORIM, A. L. N. de. O currículo para a primeira infância e identidade racial da criança e negra. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 29, n. 2, p. 243-260, 2018.

SOUSA, Mariana Alves de; POSSAS, Lidia Maria Vianna. Uma proposta de interseccionalidade entre gênero e raça para a educação básica. **REHR**, Dourados, v. 14, n. 28, p. 303-327, 2020.

Recebido em: *Julho/2024*.

Aprovado em: *Setembro/2024*.